

CENAS PÓS-MODERNAS PLASMADAS EM AS *FANTASIAS ELETIVAS*

Rafael Kesting Felizardo dos Santos
rafael.kfs15@outlook.com.br

Resumo

O presente ensaio visa a distender os conceitos da realidade pós-moderna, sobretudo, os que se situam enredados na narrativa do autor Carlos Henrique Schroeder. Nesse sentido, é indispensável a discussão sobre a existência de um sentimento agudo de solidão que se ambienta no universo das personagens Copi e Renê, tendo como amparo os diálogos ao longo da obra que versam sobre a diluição das relações humanas. Sendo assim, haverá o destaque e o desenvolvimento dos trechos em que a dissolução das relações se registra e, para isso, serão selecionados teóricos como: Bauman (2003), Lipovetsky (2004) e Hutcheon (1991) que executam um relato preliminar sobre as particularidades do fenômeno pós-moderno, contextualizando com as cenas do texto.

Palavras-chave: Pós-moderno; Solidão; *As Fantasias Eletivas*.

“Há duas maneiras de lidar com o desejo: ou você apaga com o extintor ou deixa o fogo se alastrar. Eu resolvi me incendiar.”
(SCHROEDER, 2014)

As Fantasias Eletivas, obra do escritor catarinense Carlos Henrique Schroeder, remonta aos comportamentos humanos da era pós-moderna. O livro é composto por quatro capítulos, distribuídos de forma que não existe a preocupação com a ordem dos acontecimentos, mas sim em apresentar uma história na sua versão fragmentada e despreocupada de início, meio e fim. É oportuno consignar, de antemão, o conceito do pós-modernismo:

Invariavelmente o debate começa pelo significado do prefixo ‘pós’ – um enorme palavrão de três letras [...] a relação do pós-modernismo com o modernismo é contraditória [...] ele não caracteriza um rompimento simples e radical nem uma continuação direta em relação ao modernismo: ele tem esses dois aspectos e, ao mesmo tempo, não tem nenhum dos dois. E isso ocorreria em termos estéticos, filosóficos ou ideológicos. (HUTCHEON, 1995, p. 36)

Nesta citação inicial é possível depreender, com base no argumento destacado, que o pós-modernismo não se restringe a um movimento artístico, e sim compreende um evento histórico, com relações políticas e econômicas, tendo em vista a crescente mercantilização das produções oriunda da cultura capitalista. A fim de distinguir a ideia de modernismo e de pós-modernismo, tem-se a seguir o apontamento que separa as duas Eras:

Em um sentido geral, o pós-modernismo sustenta a proposição de que a sociedade ocidental, nas décadas mais recentes, passou por mudanças de Era Moderna para “Pós-moderna”, que se caracteriza pelo repúdio final da herança da Ilustração, particularmente da crença na “Razão” e no “Progresso”, e por uma insistente incredulidade nas grandes metanarrativas, que imporiam direção e sentido à história, em particular à noção de que a história é um processo de emancipação universal. No lugar de grandes metanarrativas do gênero, afirma-se, vieram uma multiplicidade de discursos e jogos de linguagem, o questionamento da natureza do conhecimento com uma dissolução da ideia de verdade. (MALERBA, 2006, p. 13)

Nesse modelo de sociedade pós-moderna borbulha o estado de desesperança, transformando-se num vírus universal. Além disso, o poder do sujeito se encontra num ininterrupto processo de descentralização, provocando a desconstituição e queda de quaisquer forças centralizadoras. Nessa perspectiva, pois, a teoria psicanalítica do passado se tornaria questionável, uma vez que está envolvida em uma lei totalizadora, ou seja, há a negação da crença no materialismo histórico que é bloqueada pelas contradições do indivíduo pós-moderno.

Na narrativa de Schroeder (ano), tanto Renê quanto Copi faziam a vida na cidade de Balneário Camboriú, e tinham razões semelhantes de estarem ali, o rompimento com as lembranças do passado. “Era também uma cidade de recomeços, muitas pessoas vinham para a cidade sepultar o passado, como Renê, como Copi.” Schroeder (2014, p. 27). Renê trabalhava como recepcionista de um hotel conhecido como Mister Álcool. O personagem descreve o que os clientes buscavam no local, seus desejos e anseios, em vários períodos da história. O recorte abaixo representa a reflexão que Renê extraiu, tendo como base os diálogos com os diferentes clientes que passavam pela recepção:

Vocês vêm de excursão da Argentina? Paraguai? Chile? Uruguai? Ah, você tem de ter o álbum de fotos da cidade, a filmagem de sua visita ao Beto Carrero World, você tem de ir nas boates para turistas, nas lojas indicadas, nos restaurantes, comissões, comissões... Você precisa, você precisa. (SCHROEDER, 2014, p. 32)

O ter e o fazer são dois verbos que estão em jogo na pós-modernidade e em constante transformação, isto é, não se tem sempre a mesma roupa, a mesma casa, os mesmos sonhos, não se faz as mesmas viagens, as mesmas comidas, os mesmos trajetos, porque não se quer, porque não se contenta. É preciso o novo, entendendo que esse novo se transforma em quinquilharia em um lapso de segundos. Viver na pós-modernidade é aceitar a condição de efemeridade das coisas, como propõe Bauman (2003, p. 2):

Diferentemente da sociedade moderna anterior, a que eu chamo de modernidade sólida, que também estava sempre a desmontar a realidade herdada, a de agora não o

faz com uma perspectiva de longa duração, com a intenção de torná-la melhor e novamente sólida. Tudo está agora sempre a ser permanentemente desmontado, mas sem perspectiva de nenhuma permanência. Tudo é temporário. É por isso que sugeri a metáfora da "liquidez" para caracterizar o estado da sociedade moderna, que, como os líquidos, se caracteriza por uma incapacidade de manter a forma. Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades "autoevidentes".

O trecho acima reafirma que a efemeridade é oriunda da pós-modernidade, esta, por sua vez, torna as coisas, os sentimentos, as relações em substâncias líquidas. É indubitável considerar que o indivíduo pós-moderno busca a felicidade, a satisfação, o gozo, embora nenhum seja eterno, e sim passageiro. É como um despertador, quando ele desperta, alguém abre os olhos pra vida, ele é desligado na sequência, e assim funcionam os sentimentos anteriores, acordam e dormem ininterruptamente. Encontra-se, a seguir, um fragmento do livro que sintetiza essa ideia de aragem temporária:

Sentimos seu cheiro! Imaginamos que cortem sua calcinha, sua mal comida, como será seu mamilo ou as pregas do seu cu, ou quanto seu marido tem na conta bancária. Ou quantos chifres você já botou no seu marido. Você está viajando porque quer ser feliz por uns momentos ou quer fingir ser feliz por uns momentos ou quer mostrar para os outros que pode ser feliz por uns momentos. Você quer. Ele quer. Nós queremos. (SCHROEDER, 2014, p. 32).

Tem-se a visão, portanto, de uma felicidade traduzida em pequenos e quase imperceptíveis momentos. A felicidade a longo prazo enjoa, esgota, há a necessidade de buscar em todos os cantos um novo momento feliz, mesmo sabendo que ele não será o suficiente dentro de alguns micro-instantes. Sobre esse comportamento humano da era pós-moderna, Lipovetsky (2000, p. 10) aponta que:

Assim, os valores mudam, passam do sacrifício ao respeito, à tolerância, ao bem-estar. O sonho do paraíso futuro cede lugar à busca da satisfação imediata. Não se trata de cinismo, mas de um certo pragmatismo. A indignação moral continua a existir, assim como a ajuda ao próximo e o humanitarismo, porém sem rígida disciplina moral ou valorização do risco físico. Quer-se viver o presente, com a maior intensidade que se puder alcançar, e não se guardar para um futuro de gratificações remotas e compensadoras. Nada disso cria um universo sem conflitos ou de igualdade. Homens e mulheres continuam a recorrer a estratégias de sedução diferentes. O feminino permanece ancorado, principalmente, na valorização estética do corpo. O masculino apoia-se na posição social, no prestígio, no dinheiro, na notoriedade, etc. Até mesmo o humor pode ser um sofisticado instrumento de sedução. Cada um, num tabuleiro de jogadas complexas, perde e ganha conforme a sua habilidade para mover as peças. Todos, porém, buscam o mesmo objetivo: gozar.

Essa janela que possibilita a visão de inúmeras oportunidades de alcançar a felicidade antes de o dia escurecer, dificilmente se encontra fechada na pós-modernidade. O que

ser quer dizer é que não há repouso e nem inércia, não se vive num período só, não se mergulha completamente em algo. Além disso, também se quer dizer que existe um imenso vazio entre o desejo e a realização acompanhada do efêmero *jouissance*. Dessa forma, o autor apresenta na narrativa o cenário da cidade catarinense, belas paisagens e muitos humanos robotizados. As coisas e as pessoas não são mais tocadas e nem sentidas como eram antes. É necessário muito para o pouco que se tem dentro de cada turista e morador daquele espaço. A personagem Copi comenta a Renê sobre o vazio presente nos cantos da cidade e nas relações humanas como mostra a citação abaixo:

Aí percebi que mais solitária que a menina da foto eram os bancos, as porras desses bancos duros à beira-mar, sempre desertos, em que você gela as duas bolachas da bunda no primeiro segundo que senta. Você não vê mais as pessoas namorando na rua, quase não vê o beijo, o afago, aquele abraço prolongado. Apenas o mecânico e desgastado andar de mãos dadas. Os adolescentes ainda se beijam vida pública. (SCHROEDER, 2014, p. 45)

Copi problematiza a ausência do afeto entre as pessoas, na justificativa de que os indivíduos são tomados pela obsessão em realizar algo, mas não em senti-lo, isto é, não se está mais completamente em nenhum lugar da turística cidade de Balneário Camboriú. Dessa forma, o desejo se transformou numa ambição, o lugar em que se está é a tela dos dispositivos móveis e o sentir não vai além dela. O trecho a seguir contribui para a afirmação das relações na pós-modernidade:

Nos permitimos exibir nossos carros, a porra desses tijolões, os celulares, mas temos vergonha de fazer um carinho, dar um beijão prolongado na nossa companhia em plena rua. É o claro isolamento do afeto, do toque, do gesto. É uma espécie de ausência que torna todas as ruas de todas as cidades um pouco fantasmas, já que elas deixaram de ser o palco das expressões humanas para ser apenas um trajeto. As ruas, que já foram significado de liberdade e revolta, hoje significam medo e violência. Está difícil até para nós, que somos crias das ruas. Ausência, esta é a palavra. O afeto não é mais público, ninguém se importa mais com o afeto, das pessoas, das coisas, das árvores. Eu sei que você não está entendendo, Ratón, você é a porra de um caipira lá do interior, mas...” (SCHROEDER, 2014, p. 45)

Destarte, o indivíduo na obra de Schroeder é a representação fiel e cruel da sociedade pós-moderna, um ser isolado e mecanizado, que não dispõe de afeto em relação às pessoas e às coisas. É possível inferir, então, que “estamos vivendo uma revolução individualista subterrânea. Através dela, a condição de existência está sendo mudada. Estamos longe da barbárie, apesar da desigualdade, da exclusão, da miséria, da solidão de muitos, da depressão e da incerteza.” (LIPOVETSKY, 2000, p. 11). Conclui-se, assim, a reflexão sobre os comporta-

mentos da sociedade pós-moderna estampados nos registros de Schroeder, contribuindo para desvendar o fenômeno da pós-modernidade.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Sociedade líquida**. Folha de S. Paulo, São Paulo. 19.10.2003. Entrevista concedida a Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke. Caderno Mais!

MALERBA, Jurandir. 2006. Teoria e história da historiografia In: _____ (Org). **A História escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: Contexto, p.11-26.

HUTCHEON, Linda. 1991. **Poética do pós-modernismo – História teoria ficção**. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago.

LIPOVETSKY, Gilles. **Sedução, Publicidade e Pós-modernidade**. In. A Genealogia do Virtual, comunicação, cultura e tecnologias do imaginário. MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado (Org). Porto Alegre: Sulina, 2004.

SCHROEDER, Carlos. **As fantasias eletivas**. Rio de Janeiro: Record, 2014.